

O JULGAMENTO

No remoto ano de 1933, com 9 anos de idade, fui ao cinema pela primeira vez. O Cine Teatro Central (atual loja do Dê Miccheletti) pertencia ao Francisco Gentil de Guzzi, misto de empresário, dono do bar Boulevard, ator de teatro e político. Assisti um desenho animado e um filme (em série) do Flash Gordon, com televisão, foguetes e viagens espaciais, coisas que não existiam ainda naquele tempo. Era uma espécie de antecipação (ciência-ficção), sendo o dito Flash um precursor dos atuais astronautas. Mais tarde, entre 1939 e 1945, os alemães bombardearam Londres com as bombas-foguetes V-2. Muitos anos depois, os homens circunavegaram a terra em suas cápsulas espaciais até que, em junho de 1969, os americanos desceram na lua.

Mas, voltando ao cinema. Depois que o Guzzi mudou para São Carlos, onde instalou um hotel. E o Antoninho Del Guércio (bom sujeito) edificou o Cine Lian (de Lídia e Antonio), onde hoje é o Banco Bradesco. E eu fiquei viciado em filmes. Gostava de todos: caubói, seriados, de terror, cantorias (revistas musicais) etc. E mais: era no escurinho do cinema que a gente podia namorar e pegar na mão das menininhas, depois

mocinhas. Na época, moça de família não "topava" carro e nem permitia intimidades. Motel ainda não existia, infelizmente.

Mais tarde, já advogado, continuei com o hábito de ir ao cinema. Era o único lugar onde o cliente, por constrangimento, não me abordava. Só em caso de prisão, adultério ou homicídio.

E os anos foram correndo, por sinal, depressa de mais. Veio a televisão, que é uma das maiores invenções da inteligência humana que, além de outros méritos, trouxe o mundo para dentro de casa. Jornais, novelas, humor, esportes, filmes, política, economia. Pela TV, os fatos têm instantaneidade: guerra da Bósnia na Iugoslávia terremoto no Japão, inundação no Mississipi, chacina das crianças no Rio, fracasso do futebol (que tristeza) na Bolívia, maravilha do vôlei campeão.

E a gente de pijama em casa, sem precisar sair, com o controle remoto na mão. Praticamente a TV matou o cinema, que nem é mais o lugar do namoro, dada a liberalização das práticas sexuais.

Já dizia um velho amigo sábio que ninguém vive sem um vício qualquer. Escapei do cinema e me entreguei à televisão. Gosto tanto dela que aprecio até os anúncios, os comerciais. Tem sido veiculado um muito interessante que diz assim: Minha geladeira é boa, gela bem, é bonitinha, mas não é uma

BRASTEMP; minha lavadora de roupa é eficiente, dá conta do recado, mas não é uma Brastemp. Dessa forma, o fabricante, exalta a excelência de seu eletrodoméstico, as qualidades de seu produto.

Vai daí, outro dia, como de hábito, sentei em minha cadeira (favorita) de braços, para esperar uma luta de boxe nos Estados Unidos, que, mercê da diferença de fuso horário, só "passa" de madrugada.

E acabei dormindo. Quando dei por mim, estava numa espécie de tribunal do júri. Não como advogado de defesa, mas como réu.

Foi uma surpresa, pois não sabia ter cometido qualquer crime, além dos pecadinhos comuns. Com a boca seca e algo temeroso diante do aparelho; da solenidade, frente à presença de homens desconhecidos, vestido com roupas estranhas, concluí, num lampejo, que eu havia "desencarnado" e aquele era meu julgamento final. Me deu um medão bravo.

As testemunhas foram inquiridas: umas mostravam meus defeitos, falhas, pecados, maldades; outras mencionavam minhas qualidades, bondade, caráter, generosidade. As de acusação, rancorosamente, falavam de meu orgulho, violência, enquanto que as de defesa citavam

meu amor pelas crianças, mencionavam as pessoas que eu tinha ajudado.

Meus pensamentos, como num carrossel, alternavam-se. Várias vezes pensei - desta não escapo, vou para o inferno, para as chamas eternas ou para o caldeirão de merda. Outras, já me via no céu, perto dos bons, dos justos, chegando até a ver o semblante sereno de Jesus, dizendo: Rubão, você vai gostar deste lugar, onde sua família já está.

Aí, começou a falar o Promotor, um cara brilhante, mas chato, inteligente, mas futrica, sabido, mas inconveniente. O desgraçado começou a enumerar todos os meus erros, um montão deles. Embora contra mim, o danado falava bem. Comecei a suar frio, pois o acusador me fazia lembrar do cardeal que, na canonização dos santos, exercia a função de advogado do diabo. Para cada mérito lembrado, o infeliz apontava 2 ou 3 defeitos. Felizmente seu tempo estava no fim pois eu já não agüentava mais. E ele terminou assim: não estou aqui só para acusar; o Rubão, na vida, foi mais ou menos. Amou seus pais e filhos, praticou a caridade, ajudou o próximo, teve alto sentido da honra e da fidelidade. Mas, em compensação era muito orgulhoso, amiúde sentia raiva, gostava de fazer troça dos semelhantes. Em resumo, com certa liberalidade, pode-se dizer que ele foi bom, embora não tenha sido um "RUBENSTEMP". Com Justiça, seu lugar é no purgatório.

Desesperadamente, rezei como nunca tinha feito antes e acordei. No dia seguinte, perdoei 3 inimigos, levei umas roupas no asilo e fiz uma contribuição para a Apae. Quem sabe ainda dá tempo de ser um "Rubenstemp"...